

Setembro 2020

MESTRADO EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

Educação Histórica e Patrimonial em Contexto Pré-Escolar - a implementação e os resultados de dois projetos

RELATÓRIO DE ESTÁGIO APRESENTADO À
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PAULA FRASSINETTI
PARA A OBTENÇÃO DE
GRAU DE MESTRE EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

DE

Cláudia Sofia Ferreira Nascimento

ORIENTAÇÃO

Doutora Isilda Maria dos Santos Braga da Costa Monteiro



PAULA
FRASSINETTI



**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PAULA
FRASSINETTI**

MESTRADO EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

Educação Histórica e Patrimonial em Contexto Pré-Escolar – a implementação e os resultados de dois projetos

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Paula
Frassinetti para obtenção de grau de Mestre em Educação Pré-Escolar

Mestranda: Cláudia Sofia Ferreira Nascimento

Orientadora: Doutora Isilda Maria dos Santos Braga da Costa
Monteiro

Porto

2020



Agradecimentos

A realização deste relatório de estágio, de forma direta ou indireta, não teria sido possível sem o apoio e o incentivo de vários intervenientes.

Como tal, começo por agradecer à minha família, em especial à minha mãe e à minha irmã por acreditarem em mim, pelo amor e carinho que me dão e por serem sempre o meu porto seguro.

Agradeço à minha orientadora, Doutora Isilda Monteiro, por toda a sua disponibilidade demonstrada durante esta jornada, mas principalmente por todas as palavras de apoio, pela compreensão, pela motivação e por não deixar de acreditar em mim.

À “minha” educadora por me encorajar e apoiar durante a realização dos projetos.

A todos os professores que me acompanharam durante o meu percurso académico e que contribuíram para o meu crescimento tanto ao nível profissional como pessoal.

Ao meu namorado, por me ter incentivado a finalizar este relatório dando todo o seu apoio.

Às minhas eternas companheiras, Tatiana, Ana e Rosa, que iniciaram esta jornada comigo e me mostraram o poder da amizade.

E às amigas que o Mestrado me deu, principalmente à Sofia pelas conversas nas horas difíceis, pela amizade que demonstrou e incentivo que me deu.



Resumo

O relatório que se apresenta, intitulado “Educação Histórica e Patrimonial em Contexto Pré-Escolar – a implementação e os resultados de dois projetos”, incide sobre o trabalho desenvolvido na unidade curricular de Prática do Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar.

Os projetos contruídos e implementados tiveram como objetivo perceber se é possível trabalhar com crianças entre os 5 e os 6 anos em contexto de jardim de infância a valorização do Património Cultural, quer do Património Construído, quer do Património Imaterial. Centrada a abordagem na História e no Património Local, foi ainda objetivo deste trabalho promover o diálogo intergeracional, entre as crianças e os seus avós, e uma maior interação escola-famílias.

Metodologicamente situado no âmbito da investigação-ação, os projetos cuja implementação e resultados analisámos no presente relatório, permitiram às crianças adquirir conhecimento sobre os jogos de infância dos avós e, através da visita a dois fortes, conhecer de forma mais envolvida a comunidade local desenvolvendo uma atitude de respeito pelo Património e História Local e de pertença.

Palavras-Chaves: Educação Pré-escolar, História, Património, Diálogo intergeracional



Abstract

The report presented, entitled "Historical and Heritage Education in a Pre-School Context - the implementation and results of two projects", focuses on the work developed in the curricular unit of Supervised Teaching Practice in Pre-School Education. The projects built and implemented aimed to understand whether it is possible to work with children between 5 and 6 years of age in the context of a kindergarten to enhance the Cultural Heritage, both the Built Heritage and the Intangible Heritage. Centering the approach on History and Local Heritage, the objective of this work was also to promote intergenerational dialogue, between children and their grandparents, and greater school-family interaction.

Methodologically situated within the scope of action research, the projects whose implementation and results we analyzed in this report, allowed children to acquire knowledge about their grandparents' childhood games and, through the visit to two forts, to get to know the local community in a more involved way an attitude of respect for Heritage and Local History and belonging.

Keywords: Pre-school education, History, Heritage, **Intergenerational dialogue**



LISTA DE ACRÓNIMOS E SIGLAS

SIGLAS:

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

ESEPF – Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

PES – Prática de Ensino Supervisionada

ABREVIATURAS:

S.d. – Sem data



ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	2
Resumo.....	3
Abstract	4
Índice de Figuras e Tabelas	7
Introdução.....	8
PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	10
1. A Educação Pré-Escolar – as OCEPE, a abordagem interdisciplinar e o papel do educador 10	
2. A História e a valorização do Património Cultural na Educação Pré-Escolar	14
Parte II - Enquadramento Metodológico	17
1. Objetivos e metodologia de investigação, instrumentos de recolha de informação	17
2. Ação em contexto	18
2.1. Caracterização da instituição e do grupo	18
2. A planificação das atividades	19
3. A implementação dos projetos	28
PARTE III – Análise e interpretação dos dados recolhidos.....	33
Legislação e documentação normativa.....	38
Anexos.....	39



Índice de Figuras e Tabelas

FIGURA 1 – Convite para os avós.....	288
FIGURA 2 – Jogo das cadeiras.....	288
FIGURA 3 – Jogo do anel.....	299
FIGURA 4 – Cabra cega	299
FIGURA 5 – Linha do tempo	309
FIGURA 6 – Convite para as crianças de outra sala	Erro! Marcador não definido. 9
FIGURA 7 – Visita ao Forte de S. Francisco Xavier.....	30
FIGURA 8 – Planeamento da construção do forte pelas crianças	32
FIGURA 9 – Forte construído pelas crianças, evidenciando pormenores observados no local.....	Erro! Marcador não definido. 1
Tabela 1 – Planificação do Projeto "O tempo de outras brincadeiras".....	21
Tabela 2 – Planificação do Projeto "À descoberta dos fortes"	24



Introdução

O presente relatório de investigação surge no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada, unidade curricular do Mestrado em Educação Pré-Escolar, desenvolvida em jardim de infância.

Neste relatório pretendo abordar a Educação Histórica e Patrimonial na Educação Pré-Escolar com crianças entre os 5 e os 6 anos, procurando demonstrar que é possível fazê-lo de forma refletida e ponderada, promovendo em idades precoces a valorização do Património Cultural, quer do Património Construído, quer do Património Imaterial. Centrada a abordagem na História e no Património Local, foi ainda meu objetivo promover o diálogo intergeracional, entre as crianças e os seus avós, e uma maior interação Escola-Famílias.

O relatório encontra-se dividido em três partes. Na primeira, faz-se o enquadramento teórico, no qual se procura perceber o papel da História e da valorização do Património Cultural na Educação Pré-Escolar. Começando por abordar, no primeiro capítulo, as Orientações Curriculares definidas pelo Ministério da Educação para a Educação Pré-Escolar, apresentando os aspetos que distinguem a edição de 1996 da de 2006, as potencialidades da abordagem interdisciplinar e o papel do educador, fundamenta-se, no segundo capítulo, a abordagem e promoção da Educação Histórica e da Educação Patrimonial no Pré-Escolar, analisando as Áreas de Conteúdo definidas pelas OCEPE e o papel que cabe ao educador enquanto promotor da valorização do Património Cultural em idades precoces.

A segunda parte permite o enquadramento metodológico, identificando e justificando no primeiro capítulo a metodologia de investigação e os instrumentos de recolha de informação utilizados para a elaboração do estudo e, no segundo capítulo, a ação em contexto – caracterização da instituição e do grupo de crianças junto das quais o mesmo foi desenvolvido e apresentação dos projetos – a planificação das atividades e a sua implementação.



A terceira parte consiste na análise e interpretação dos dados recolhidos após a implementação das atividades. Por fim, nas considerações finais será feito um balanço de todo o trabalho desenvolvido.

A terceira parte consiste na análise e interpretação dos dados recolhidos após a implementação das atividades. Por fim, nas considerações finais será feito um balanço de todo o trabalho desenvolvido.

Nos anexos, encontram-se transcritas as narrativas que fiz em diferentes momentos da implementação dos projetos.



PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. A Educação Pré-Escolar – as OCEPE, a abordagem interdisciplinar e o papel do educador

A Educação Pré-Escolar, tal como é mencionado na Lei nº5/97, de 10 de fevereiro, “é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida”. Por isso mesmo, apresenta objetivos específicos definidos na Lei Quadro da Educação Pré-Escolar (artigo 10º): promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com o intuito de promover uma educação para a cidadania, fomentar a inserção da criança em diferentes grupos sociais respeitando a pluralidade das culturas colaborando na consciência do seu papel como membro da sociedade, contribuir para a igualdade de oportunidades e para o sucesso da aprendizagem, estimular o desenvolvimento global de cada criança sempre respeitando as características individuais de cada um, desenvolver a expressão e a comunicação através de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo, despertar a curiosidade e o pensamento crítico, proporcionar a cada criança bem-estar e segurança, proceder à despistagem de inaptações, deficiências e precocidades, promovendo a melhor orientação e encaminhamento da criança e incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efetiva colaboração com a comunidade.

Para afirmar o seu carácter educativo foram elaboradas as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (OCEPE), que se destinam a “apoiar a construção e gestão do currículo no jardim de infância” (Ministério da Educação, 2016, p.5).

Publicadas em 1997, as OCEPE, que se constituem como um guia essencial para o trabalho a desenvolver pelos educadores, foram reformuladas em 2016. As principais diferenças entre as duas edições, justificam-se pelas diferentes realidades em que foram criadas. A primeira, as OCEPE de 1997 foram elaboradas “num período de real desenvolvimento e afirmação da Educação Pré-Escolar em Portugal” (Lemos, 2017, p.5) sendo que a metodologia de construção se baseou na definição do que a Educação Pré-Escolar devia proporcionar às crianças (Vasconcelos, 2000 citado por Lemos, 2017). Por



sua vez, as segundas OCEPE procuram uma vertente educativa que, segundo Portugal & Laevers (2010, citados por Lemos, 2017), permitem “o desenvolvimento contextualizado de diferentes currículos, opções pedagógicas e práticas de avaliação” (p.5). Nesta edição, a finalidade da Educação Pré-Escolar é “organizar um conjunto de oportunidades que permitam às crianças usufruir de experiências a partir das quais elas aprendem, ao mesmo tempo que vão desenvolvendo competências pessoais e sociais” (Lemos, 2017, p.7). É, assim, notória uma maior valorização das Áreas do Conhecimento do Mundo e de Formação Pessoal e Social, fazendo-se referência às aprendizagens a promover, o que não acontecia nas OCEPE de 1997.

Nas OCEPE da edição de 2016, abordando os fundamentos e princípios da Educação de Infância, encontram-se três Áreas de Conteúdo. Estas são consideradas pelo Ministério da Educação (2016) como

âmbitos de saber, com uma estrutura própria e com pertinência sociocultural, que incluem diferentes tipos de aprendizagem, não apenas conhecimentos, mas também atitudes, disposições e saberes-fazer. Deste modo, a criança realiza aprendizagens com sentido, sendo capaz de as utilizar noutras situações quotidianas (p.31)

As Áreas de Conteúdo encontram-se divididas em: Área de Formação Social e Pessoal, Área de Expressão e Comunicação e Área de Conhecimento do Mundo, que, por sua vez, se dividem em Domínios.

A Área de Formação Pessoal e Social trabalha o desenvolvimento de atitudes e valores, o que permite à criança a construção da sua identidade, da sua autoestima e do respeito pelos outros, incentivando a valorização do património natural e social e desenvolvendo a autonomia de fazer escolhas e assumir responsabilidades. Esta área “é considerada uma área transversal, porque, embora tenha uma intencionalidade e conteúdos próprios, está presente em todo o trabalho educativo realizado no jardim de infância” (Ministério da Educação, 2016, p. 33).

A Área de Expressão e Comunicação possui diversos domínios que se relacionam entre si, pois representam diversas “formas de linguagem indispensáveis para a criança interagir com os outros, exprimir os seus pensamentos e emoções de forma própria e criativa, dar sentido e representar o mundo que a rodeia” (Ministério da Educação, 2016, p. 43). Dentro desta área encontramos o domínio da Educação Física, da Educação Artística, da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e o domínio da Matemática.



O domínio da Educação Física proporciona experiências em que a criança aprende a conhecer e a usar melhor o seu corpo, a participar de forma cooperativa e a competir de forma saudável, a seguir regras para trabalhar em conjunto e a aceitar e a ultrapassar as dificuldades e os insucessos (Ministério da Educação, 2016, p.43).

O domínio da Educação Artística incorpora quatro subdomínios: as artes visuais, jogo dramático/ teatro, música e dança, sendo que todas elas enriquecem a forma de expressão e comunicação das crianças seja a desenhar, a cantar, a dançar ou a representar (Ministério da Educação, 2016, p.47).

O domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita é desenvolvido através das interações e das experiências vivenciadas pela criança, o que faz com que seja um domínio transversal, pois este é essencial à construção do conhecimento nas diferentes áreas para a compreensão e apropriação de informação, o que leva também as outras áreas a contribuírem para o desenvolvimento da linguagem trabalhando de forma complementar com as outras áreas (Ministério da Educação, 2016, p.60).

O domínio da Matemática tem um papel essencial no dia a dia da criança e nas aprendizagens futuras, pois com a construção de conceitos matemáticos a criança consegue dar sentido, conhecer e representar o mundo (Ministério da Educação, 2016, p.74).

Por último, a Área de Conhecimento do Mundo, trabalha com a criança a compreensão do Mundo fomentando a curiosidade em explorar, questionar, descobrir e compreender. Desenvolve o respeito pelo ambiente e pela cultura, promove atitudes de responsabilidade e consciência ambiental, o que leva ao exercício de uma cidadania consciente (Ministério da Educação, 2016, p.85).

Na Educação Pré-Escolar, o trabalho interdisciplinar nas diversas áreas é uma mais valia para as crianças pois permite o desenvolvimento tendo em vista diversos objetivos de aprendizagem numa só atividade. Assim, segundo Marques (2000) a interdisciplinaridade é um:

termo que designa a convergência de vários ramos do saber com o fim de proceder ao estudo de um problema. A interdisciplinaridade é hoje uma característica central na pesquisa científica. Com o desenvolvimento e expansão dos modelos de ensino construtivistas, a interdisciplinaridade passou a fazer parte do discurso pedagógico dos professores. Considera-se que a estruturação do currículo em disciplinas



deve dar lugar a um currículo centrado nos problemas e nos projetos (pp.81-82).

A abordagem interdisciplinar “dá ênfase ao papel do professor no incentivo às crianças a interagirem com pessoas, objetos e com o ambiente, de formas que tenham um significado pessoal para elas” (Chard & Katz, 1997, p.5), o que se torna uma aprendizagem significativa visto que, para os mesmos autores, “Uma das características principais de um projeto bem-sucedido é o interesse das crianças” (p.221).

De forma a proporcionar uma melhor aprendizagem à criança, o educador deve assim trabalhar os conteúdos das OCEPE com uma abordagem interdisciplinar, ou seja, estimular a criança a compreender os conhecimentos das áreas de conteúdo através da sua articulação. É importante realçar que segundo Teixeira (2016):

que as crianças, na Educação Pré-Escolar, necessitam de estar em contacto com o mundo para poder aprender novos conhecimentos diversificados, de tal modo que a interdisciplinaridade torna-se importante, visto que possibilita uma melhor interpretação da realidade e atualidade, sendo também um fator de motivação para a aprendizagem (p.13).

Para permitir um melhor desenvolvimento da criança, as experiências proporcionadas pelo educador devem ser pensadas com uma intencionalidade educativa uma vez que “permite-lhe atribuir sentido à sua ação, ter um propósito, saber o porquê do que faz e o que pretende alcançar” (Ministério da Educação, 2016, p.14). Por este mesmo motivo, o educador deve planear, agir e avaliar, pois “Planear permite, não só antecipar o que é importante desenvolver para alargar as aprendizagens das crianças, como também agir, considerando o que foi planeado, mas reconhecendo simultaneamente oportunidades de aprendizagem não previstas, para tirar partido delas” (Ministério da Educação, 2016, p.15). A criança deve ter consciência dos seus progressos e por isso é necessário envolver a criança na avaliação, conseguindo descrever o que fez, como e com quem. Deste modo a criança aprende a prever, a planear melhor, a saber explicar as suas opiniões e a respeitar as opiniões dos outros (Ministério da Educação, 2016, p.16).

O educador, em relação à participação da família, tem a responsabilidade de criar condições para promover a interação Escola-Famílias, atendendo a que estas, segundo o Ministério da Educação (2016) são:



responsáveis pela educação dos filhos/as, têm também o direito de participar no desenvolvimento do seu percurso pedagógico, não só sendo informadas do que se passa no jardim de infância, como tendo também oportunidade de dar contributos que enriqueçam o planeamento e avaliação da prática educativa (p.16).

Por isto, é necessário que o educador procure planear de forma diversificada para que as famílias possam participar na educação das crianças, podendo os pais contribuir com opiniões ou sugestões e combinarem as disponibilidades para a participação dos mesmos (Ministério da Educação, 2016, p.16).

As considerações que aqui apresento sobre as Orientações Curriculares definidas para a Educação Pré-Escolar, as potencialidades do trabalho interdisciplinar com crianças em idades precoces e o papel do educador são a base teórica de que parto para, no âmbito da abordagem da História e da valorização do Património Cultural com crianças do Pré-Escolar, construir os projetos que implementei e cujos resultados apresento neste relatório.

2. A História e a valorização do Património Cultural na Educação Pré-Escolar

Os estudos em Portugal sobre a abordagem da História e da valorização do Património Cultural em Educação Pré-Escolar são poucos, comparativamente ao que acontece em países como a Espanha ou a Inglaterra. A bibliografia é, por isso, muito escassa, restringindo-se a alguns artigos e a alguns trabalhos produzidos no âmbito dos mestrados profissionalizantes. Importa, por isso, neste capítulo, fazer um ponto de situação sobre a abordagem da História e da valorização do Património Cultural em Educação Pré-Escolar.

Trabalhar História no Jardim de Infância é uma prática educativa a promover pois, segundo Marques (2016), “a História não é uma ciência tão distante que só possa estar em museus ou em livros, mas é afinal algo bem próximo e real, que até se pode tocar” (p.36). O educador deve inserir a História na dinâmica da Educação Pré-Escolar dando-lhe uma intencionalidade pedagógica. Assim, no âmbito da Educação Histórica o educador deve elaborar “propostas de desenvolvimento do pensamento histórico dos



jovens” (Pinto, 2013, p.26) e a nível da Educação Patrimonial deve procurar “desenvolver nos jovens, através de um contacto direto e constante com fontes patrimoniais, nomeadamente no âmbito local, sentidos de responsabilidade em relação ao património histórico (Pinto, 2013,p.27). A Educação Histórica pode ser bastante desafiadora e duradoura se esta estiver “próxima das evidências, dos vestígios e das mensagens dos nossos antepassados” (Marques, 2016, p.38).

A abordagem deve ser refletida e adaptada ao desenvolvimento das crianças, uma vez que, segundo Marques (2011):

É importante que a criança comece a desenvolver a noção de tempo, de pertença a uma comunidade com práticas culturais próprias (senso de identidade local/ regional/ nacional e universal), que perceba a importância da preservação do património histórico e cultural (p.197).

O educador, a partir de diferentes estratégias e recursos, deve explorar diversas formas de as crianças terem contacto direto com a História de forma a conhecer o meio cultural e social mais próximo, tendo em conta que aquela “não deve ser apresentada como uma acumulação de resultados ou de efeitos ou como uma mera constatação do que aconteceu, mas como algo energético e ativo” (Dewey, 2002, p.132). Assim, é possível sensibilizar as crianças para a importância da valorização do passado, nomeadamente do património cultural pois este “é o remanescente material e imaterial da memória coletiva do tempo vivido” (Ferreira, 1992, p.25).

Segundo as OCEPE (2016) é necessário:

mobilizar intencionalmente estratégias que permitam à criança distinguir o presente do passado e prever o que vai fazer num futuro mais ou menos próximo, levando-a a compreender as semelhanças e as diferenças entre o que acontece no seu tempo e nos tempos dos pais, dos avós e outros mais distantes (p. 89).

Na Área do Conhecimento do Mundo elencada nas OCEPE estão incluídas as aprendizagens a promover como o conhecimento e a valorização de manifestações do Património Natural e Cultural, reconhecendo a necessidade da sua preservação, o estabelecimento de relações entre o presente e o passado da sua família e comunidade, associando-as a objetos, situações de vida e práticas culturais e conhecer e respeitar a diversidade cultural (OCEPE, 2016, p.85).



A Educação Histórica implica trabalhar com as crianças a noção de tempo, a noção de evolução, de mudança ao longo do tempo, e assim “encontrar o passado a partir de fontes, os traços do passado que permanecem, sejam escritos, visuais ou orais.” (Cooper, 2006, p.175). Noções que são essenciais para o seu desenvolvimento. Dessa forma, inscreve-se na Educação Histórica a construção de frisos cronológicos, nos quais se registem as datas de nascimento de cada uma das crianças, ou outras datas associadas às suas histórias da vida, de forma a que estas percebam as mudanças ocorridas ao longo dos anos. Estas histórias “podem-se estender para saber mais sobre os avós e bisavós” (Cooper, 2006, p.177), constituindo um ponto de partida para começarem a explorar o passado.

As histórias sobre um passado mais distante também conseguem cativar as crianças. As lendas, pelas suas características, são narrativas que prendem a atenção das crianças. Falam sobre pessoas, boas e más, pobres e ricas, corajosas ou medrosas, mostrando um mundo diferente do atual constituído por lenhadores, sapateiros, castelos e moinhos (Cooper, 2006), permitindo às crianças o contacto, por entre o fantástico, o sobrenatural e o imaginário, com realidades passadas.

Por sua vez, no âmbito da Educação Patrimonial, os vestígios do passado que permanecem nos dias de hoje, nos quais se incluem, por exemplo, as músicas e jogos da infância dos avós e as casas, castelos, igrejas, fontanários e estátuas, é importante salientar que “O património permite-nos indagar e conhecer o passado, mas este não deve ser compreendido como uma mera recordação do mesmo, faz parte do nosso presente e da nossa identidade” (Solé, 2017, p.147). É, por isso, nesta perspetiva, que o Património Cultural pode ser trabalhado com crianças, envolvendo a comunidade educativa na sua aprendizagem e promovendo o conhecimento sobre o meio local e a “construção de sentidos de pertença” (Pinto, 2014, p.64).



Parte II - Enquadramento Metodológico

1. Objetivos e metodologia de investigação, instrumentos de recolha de informação

Para desenvolver uma investigação, “tendo como objetivos fundamentais conceber novo conhecimento ou validar algum conhecimento preexistente, ou seja, testar alguma teoria para verificar a sua veracidade” (Batista & Sousa, 2011, p.3), é necessário fazer opções metodológicas.

O estudo realizado situa-se no âmbito da investigação qualitativa que, como refere Batista & Sousa, é um “tipo de investigação que é indutivo e descritivo” (2011, p.56) e “centra-se na compreensão dos problemas, analisando os comportamentos, as atitudes ou os valores” (2011, p.56).

No âmbito da investigação qualitativa, a investigação-ação segundo Bogdan e Biklen (1994) “é um tipo de investigação aplicada no qual o investigador se envolve ativamente na causa da investigação” (p.293), e por isso mesmo é uma investigação participativa e colaborativa sendo que todos os sujeitos do processo fazem parte da sua dinâmica. O investigador é um coinvestigador com e para os participantes da investigação que interessados nos problemas práticos e na melhoria da realidade (Batista & Sousa, 2011).

Este tipo de investigação tem uma metodologia dinâmica, que assenta inicialmente na observação, depois no planeamento da intervenção, de seguida na implementação do plano e no final na reflexão e na avaliação da eficácia da intervenção (Batista & Sousa, 2011).

A observação participante do investigador possibilita “recolher dados (sobre ações, opiniões ou perspetivas) aos quais um observador exterior não teria acesso” (Batista & Sousa, 2011, p.88). Os instrumentos de recolha de informação que usei na minha investigação, sendo que “a investigação qualitativa é descritiva” (Bogdan e Biklen, 1994, p.48), foi o registo escrito em narrativas do que se observou durante a implementação dos dois os projetos e o registo em imagem, através da fotografia.



2. Ação em contexto

Neste capítulo será feita uma caracterização da instituição e do grupo com o qual foram desenvolvidas as atividades que se apresentam e analisam no presente relatório de estágio. Aqui também se encontra a planificação e implementação de ambos os projetos, são objeto de análise nos últimos dois pontos do presente capítulo.

2.1. Caracterização da instituição e do grupo

A prática de Ensino Supervisionada decorreu num jardim de infância da rede pública, em contexto urbano no distrito do Porto. O grupo em questão era constituído por 25 crianças sendo dezassete do sexo feminino e oito do sexo masculino com idades compreendidas entre os 5 e os 6 anos. A análise dos documentos referentes ao agregado familiar de cada uma das crianças permite perceber que a maioria dos encarregados de educação possuíam habilitações académicas elevadas.

O grupo trabalhava de forma cooperativa, muito valorizado pelas OCEPE (Ministério da Educação, 2016):

O trabalho entre pares e em pequenos grupos, em que as crianças têm oportunidade de confrontarem os seus pontos de vista e de colaborarem na resolução de problemas ou dificuldades colocadas por uma tarefa comum, alarga as oportunidades educativas, ao favorecer uma aprendizagem cooperada em que a criança se desenvolve e aprende, contribuindo para o desenvolvimento e aprendizagem das outras (p.27).

É evidente que esta forma de trabalho tornava o grupo dinâmico, aberto a novas propostas, e bastante comunicativo entre si.

No que concerne às diferentes áreas/domínios do saber, o grupo apresentava níveis de aprendizagem e desenvolvimento distintos.

Ao nível da Área de Conhecimento do Mundo que se enraíza “na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê.” (Ministério da Educação, 2016, p. 88) verifiquei que as crianças demonstravam curiosidade pelo que as rodeia, envolvendo-se no processo de descoberta e mostrando satisfação com os diferentes conhecimentos que iam adquirindo.



3. A planificação das atividades

As atividades foram planificadas em torno de dois projetos interdisciplinares – um subordinado ao tema “O tempo de outras brincadeiras” e outro “À descoberta dos fortes”.

O primeiro projeto, construído em torno do conhecimento e da prática das brincadeiras e dos jogos do tempo dos pais e dos avós, tinha como objetivos contribuir para o desenvolvimento nas crianças das noções de tempo e de evolução/mudança – conceitos chave da História – e para desenvolvimento de atividades ao nível da Educação Motora. A opção pelas brincadeiras/jogos realizados pelos avós justificou-se pelo facto de serem atividades com impacto no desenvolvimento das crianças, que, pela sua natureza, contribuem para promover o relacionamento com os outros, neste caso em concreto, os avós, estimulando o diálogo intergeracional, a sociabilidade, e permitindo que a criança descubra o mundo (Bueno, 2010, p.22).

Paralelamente, procurava-se reforçar a ligação criança-escola-comunidade, potenciando a cooperação entre a escola e a comunidade para benefício da criança, pois “Quando as famílias participam na vida das escolas, quando os pais acompanham e ajudam o trabalho dos filhos, estes têm melhores resultados do que os colegas com idêntico background mas cujos pais se mantêm afastados da escola” (Marques, 1997, p.6).

O segundo projeto, “À descoberta dos fortes”, centrado na exploração do Património Construído Local, procurou que as crianças fossem sensibilizadas para a questão da valorização do Património Local, ao mesmo tempo que desenvolviam no âmbito da Educação Artística, “capacidades expressivas e criativas através de explorações e produções plásticas” (Ministério da Educação, 2016, p.54).

Para cada um dos projetos realizei as respetivas planificações. Os espaços onde decorreram as atividades dos diferentes projetos foram pensados para que as crianças tivessem diversas oportunidades de aprendizagem, permitindo-lhes brincar, explorar e interagir durante todo o percurso. As intenções pedagógicas de cada planificação basearam-se nas OCEPE.



Nas Tabelas 1 e 2, indicam-se as Áreas de Conteúdo a trabalhar assim como as aprendizagens a promover, a descrição das atividades, os recursos necessários para a sua realização, bem como a indicação dos dias para a sua implementação.

O primeiro projeto, “O tempo de outras brincadeiras”, surgiu do interesse demonstrado pelas crianças quando ensinei como se jogava o jogo do “macaquinho chinês”. O grupo mostrou curiosidade pois era um jogo que não conheciam. Também o facto de o poderem jogar em grande grupo foi outro dos fatores de motivação visto que as suas brincadeiras habituais, além de completamente diferentes, eram realizadas em pequenos grupos.

Tal como se regista na Tabela 1, este projeto que se desenvolverá ao longo de cerca de três meses, irá iniciar-se com um diálogo com as crianças sobre as brincadeiras que habitualmente têm, quer em contexto de escola, quer fora dela, com o objetivo de com o desenvolvimento da conversa introduzir a questão sobre se no tempo de crianças dos seus pais e avós existiram outras brincadeiras e jogos (1ª atividade). Após o diálogo, o grupo construirá com cartão um convite aos avós para estes virem à escola falar sobre as brincadeiras e jogos da sua infância, dando-lhes a possibilidade de os ensinarem ao grupo (2ª atividade). Nos convites serão propostos vários dias e os avós escolherão aquele que lhes será mais conveniente, de forma a fazer um agendamento prévio e possibilitar a sua distribuição pelo tempo estipulado para a realização do projeto.

A 3ª atividade será constituída pela ida dos avós à instituição, num primeiro momento para, na sala, falar com as crianças sobre as brincadeiras/jogos da sua infância, e, num segundo momento, para exemplificar com o grupo, no recreio.

A 4ª atividade a ser realizada pelas crianças será um friso cronológica em papel para colocar numa parede, onde, de forma colaborativa, registrarão, com recurso a cartolina em diferentes cores, a sequência das três gerações: a geração dos avós, a geração dos pais e a geração das crianças. Pretende-se desta forma, que as crianças visualizem a passagem do tempo.

A última atividade consiste na organização pelas crianças que participaram no projeto de um convívio com as crianças de uma outra sala da mesma instituição, assumindo aquelas a responsabilidade de ensinar a estas as brincadeiras/jogos que aprenderam com os avós, assegurando previamente a existência do material necessário para a sua realização.

Tabela 1 – Planificação do projeto “O tempo de outras brincadeiras”

Dia/Mês	Atividades	Espaço/Recursos	Áreas de Conteúdo/Domínio/Aprendizagens				
			Conhecimento do Mundo	Formação Pessoal e Social	Área de Expressão e Comunicação		
					Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita	Domínio da Educação Artística	Domínio da Educação Física
			<ul style="list-style-type: none"> - Estabelecer relações entre o presente e o passado da sua família e comunidade, associando-as a objetos, situações de vida e práticas culturais. - Conhecer e respeitar a diversidade cultural. 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer e valorizar laços de pertença social e cultural; - Desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha e de responsabilidade social; - Cooperar com outros no processo de aprendizagem; - Ser capaz de participar nas decisões do seu processo de aprendizagem; - Ir adquirindo a capacidade de fazer escolhas, tomar decisões e assumir responsabilidades, tendo em conta o seu bem-estar e o dos outros 	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação; - Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação; -- Usar a leitura e a escrita com diferentes funcionalidades nas atividades, rotinas e interações com outros; - Estabelecer relação entre a escrita e a mensagem oral 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas 	<ul style="list-style-type: none"> - Cooperar em situações de jogo, seguindo orientações ou regras



8 de março	Atividade 1 – Diálogo com as crianças sobre as suas brincadeiras/jogos e os que pensam ter sido os dos avós quando eram crianças	-Sala		×	×		
	Atividade 2 – Construção dos convites para os avós virem à escola falar sobre as brincadeiras/jogos da sua infância e realizar uma brincadeira/jogo com o grupo	-Sala - Cartão - Canetas de filtro - Lápis de cor - Tintas - Pincéis					×
28 de março a 23 de maio	Atividade 3 – Presença dos avós na instituição: - Explicar às crianças como era quando eles eram crianças; quais as brincadeiras/jogos que faziam - Realizar uma brincadeira/jogo com o grupo	- Sala - Recreio - Material necessário para a sua execução jogo/brincadeira, (trazem os avós/ fornecidos pela escola)	×	×	×		×



	Atividade 4 – Realização de um friso cronológico cronológica com as três diferentes gerações	- Sala - Cartolina - Lápis de cor - Régua	X				
29 de maio	Atividade 5 – Realização de um convite para as crianças de outra sala participarem no convívio	- Sala - Cartão - Canetas de filtro - Lápis de cor - Tintas - Pincéis		X		X	
	Atividade 6 – Organização pelas crianças que participaram no projeto de um convívio com as crianças de outra sala da instituição para lhes mostrar os jogos que aprenderam	- Pavilhão da escola - Cadeiras - Lenços - Anel - Giz	X	X	X		X



O segundo projeto, “À descoberta dos fortes”, surgiu após um debate espontâneo entre as crianças sobre o vulgarmente denominado Castelo do Queijo (Forte de São Francisco Xavier), nomeadamente sobre a quem pertencia: se a princesas ou a reis e cavaleiros. As crianças mostraram interesse em conhecer os dois fortes localizados na proximidade do jardim de infância – o Forte de São Francisco Xavier e o Forte de S. João Batista da Foz (também conhecido por Castelo de São João da Foz). A construção do projeto teve como objetivo principal trabalhar com as crianças a importância da preservação e da valorização do Património Cultural Construído.

Este projeto é constituído por quatro atividades a serem implementadas ao longo de 10 dias (Tabela 2). A 1ª atividade será uma conversa em grande grupo sobre o que cada criança pensa relativamente aos fortes que lhes são familiares, porque passam muitas vezes junto a eles no caminho para a instituição.

A 2ª atividade terá lugar ao longo de 5 dias e constará de duas visitas, uma a cada um dos fortes referidos. Estas visitas serão programadas para diferentes dias e em cada uma delas, as crianças terão a oportunidade de, em pequenos grupos acompanhados das educadoras (educadora cooperante e educadora estagiária) e das auxiliares, será explorado o espaço interior dos fortes e explicada às crianças a história de cada uma das construções e o papel que desempenharam no passado.

Realizadas as duas visitas, terá lugar na sala uma conversa em grande grupo para que as crianças tenham a possibilidade de trocar ideias sobre se gostaram ou não de visitar os fortes, sobre o que mais lhes chamou a atenção e a importância de continuar a preservar estes edifícios construídos há muito tempo de forma a que hoje seja possível visitá-los e conhecer a sua história. Terão então a oportunidade de escolher qual dos dois fortes visitados pretendem construir com recurso a diversos materiais por mim disponibilizados.

A 3ª atividade que decorrerá em dois dias consistirá, assim, na construção da maquete do forte selecionado pelas crianças, com materiais para esse efeito disponibilizados na sala.

Por fim, construída a maquete, em conversa as crianças serão incentivadas a referir o que mais gostaram de fazer durante o projeto e o que mais gostaram de aprender.



A implementação dos dois projetos irá permitir trabalhar diferentes áreas de conteúdo, domínios e subdomínios, referidos nas OCEPE, e que se indicam para cada uma das atividades nas Tabela 1 e 2, como o da Educação Artística que permite “Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de explorações e produções plásticas” (Ministério da Educação, 2016, p. 63), o da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita que possibilita às crianças “trocas e apropriação de informação necessárias às aprendizagens em outras áreas do saber” (Ministério da Educação, 2016, p. 66) e, ainda, a Área do Conhecimento do Mundo, uma vez que “é uma área integradora de diferentes saberes, onde se procura que a criança adote uma atitude de questionamento e de procura organizada do saber” (Ministério da Educação, 2016, p. 7).



Tabela 2 – Planificação do Projeto “À descoberta dos fortes”

Dia/Mês	Atividades	Espaço/Recursos	Áreas de Conteúdo/Domínio/Aprendizagens				
			Conhecimento do Mundo	Formação Pessoal e Social	Área de Expressão e Comunicação		
					Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita	Domínio da Educação Artística (Subdomínio Jogo dramático)	Domínio da Educação Artística (Subdomínio Artes visuais)
			<ul style="list-style-type: none">- Estabelecer relações entre o presente e o passado da sua família e comunidade, associando-as a objetos, situações de vida e práticas culturais.- Conhecer e respeitar a diversidade cultural- Ser capaz de participar nas decisões sobre o seu processo de aprendizagem;- Cooperar com outros no processo de aprendizagem;	<ul style="list-style-type: none">- Desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha e de responsabilidade social;- Desenvolver uma atitude crítica e interventiva relativamente ao que se passa no mundo que a rodeia;- Conhecer e valorizar manifestações do património natural e cultural, reconhecendo a necessidade da sua preservação;	<ul style="list-style-type: none">- Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação.- Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação.	<ul style="list-style-type: none">- Inventar e representar personagens e situações, por iniciativa própria e/ou a partir de diferentes propostas, diversificando as formas de concretização.	<ul style="list-style-type: none">- Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas.- Reconhecer e mobilizar elementos da comunicação visual e tanto na produção e apreciação das suas produções;



7 de Junho	Atividade 1 – Conversa com as crianças sobre o que pensam ser os Fortes de S. Francisco Xavier (Castelo do Queijo) e de S. João Batista da Foz (Castelo de S. João da Foz);	-Sala	×	×	×		
10 a 14 de Junho	Atividade 2 – Visita aos Fortes de São Francisco Xavier e São João Batista da Foz	- Autocarro	×	×	×	×	
	Atividade 3 – Conversa com o grupo sobre a visita	- Sala	×	×	×	×	
17 de Junho	Atividade 4 – Construção de um dos Fortes visitados, à escolha do grupo	- Sala - Barro - Tintas - Rolhas - Pincéis	×	×	×	×	×



4. A implementação dos projetos

O projeto “O tempo de outras brincadeiras” iniciou-se com uma conversa em grande grupo relativamente às brincadeiras das crianças. Ao longo do diálogo, o grupo referiu várias, tais como “o monstro destruidor, as fadas, o futebol e o brincar às bruxas” (Anexo 1 – 8 de março). Também neste momento abordámos as brincadeiras dos avós. Percebemos que havia grandes diferenças nas mesmas e, por isso, realizamos um convite aos avós (ver Figura 1) para que estes pudessem vir á sala falar um pouco sobre as brincadeiras da sua infância.

O grupo decorou o seu convite de forma livre.

Quando enviámos os convites para casa, apenas quatro avós responderam, porém, “mantivemos o período estipulado para a duração das mesmas” (Anexo 1 – 28 de março a 23 de maio) na expectativa de que, no entanto, mais avós se disponibilizassem a participar, o que não veio a acontecer.

Na visita dos avós à sala, cada um falou das brincadeiras/jogos da sua infância e exemplificou duas a três brincadeiras como, por exemplo, o “jogo das cadeiras” (ver Figura 2), o “jogo do anel” (ver Figura 3), o “bom barqueiro”, a “cabra cega” (ver Figura 4) e a “macaca” e conversaram com o grupo sobre o seu tempo de crianças.

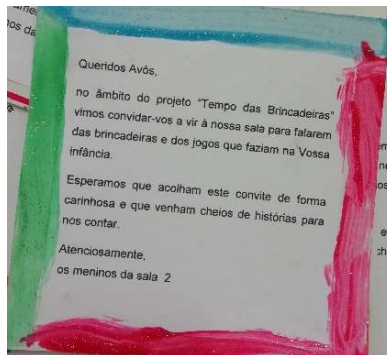


FIGURA 1 – Convite para os avós realizado pelas crianças



FIGURA 1 – “Jogo das cadeiras”



Interessadas, as crianças foram aprendendo os diferentes jogos/brincadeiras e nos intervalos das atividades realizadas na sala, em pequenos grupos procuravam fazer no recreio o que tinham aprendido.



FIGURA 2 – “Jogo do anel”



FIGURA 4 – “Jogo da Cabra Cega”

Após as brincadeiras/jogos aprendidos, para que as crianças compreendessem a passagem de tempo realizámos um friso cronológico, onde assinalaram com cores diferentes o tempo da infância dos avós (mais distantes no tempo), o da infância dos pais e o deles próprios, no presente (ver Figura 5).



FIGURA 5 – Friso cronológico construído pelas crianças



Para colocarem em prática aquilo que aprenderam com os avós e poderem partilhar com outras crianças os jogos/brincadeiras que aprenderam, as crianças envolvidas no projeto realizaram um convite aos meninos de outra sala (ver Figura 6) para participarem num convívio.

Assim, “o grupo começou por dizer em qual brincadeira queriam ser responsáveis” (Anexo 1 – 29 de março), acabando por ficar duas a três crianças responsáveis por cada jogo e por o explicar às crianças da outra sala. Nesse momento, todos mostraram grande sentido de responsabilidade para desempenhar a tarefa que tinham assumido.



FIGURA 6 – O convite feito pelas crianças para as crianças de outra sala

O segundo projeto, “À descoberta dos fortes”, iniciou-se com uma conversa com as crianças sobre os fortes e o que pensavam sobre eles – Para que serviam? Quem lá vivia? Eram construções antigas ou recentes? Para os situar, mostrei-lhes diversas fotografias dos dois fortes situados na proximidade da escola, que eles rapidamente identificaram. Com muitas ideias sobre a utilidade destas construções, a associação dessas construções a princesas e a cavaleiros foi imediata e geral, relacionando-as com a época em que estas existiam. Mostraram curiosidade em saber quem lá vivia na atualidade.

No final do diálogo expliquei que faríamos uma visita a estas duas construções para, assim, entenderem melhor o que eram e para que serviam. As crianças mostraram-se muito interessadas e entusiasmadas com a possibilidade de entrarem em edifícios que conheciam apenas de passagem.



FIGURA 7 – Visita ao Forte de S. Francisco Xavier

Durante cada uma das visitas (ver Figura 7) o grupo ouviu atentamente a história de cada forte que aí lhes contei e que previamente tinha preparado. Durante a visita as crianças colocaram muitas questões – “para que servem estas rodas? Porque é aquela casinha ali?” – sobre o que iam observando e, em pequenos grupos, sempre



acompanhadas por um adulto, tiveram a oportunidade de explorar alguns dos seus espaços.

Após a realização das visitas, ocorridas em dois dias distintos, já na sala e em grande grupo, as crianças falaram sobre os fortes que tiveram a oportunidade de visitar, referindo o que lhes tinha chamado a atenção, escolhendo um deles para construir a respetiva maquete. Cada criança referiu qual o forte que gostaria de construir em maquete e, após isso, foi considerado escolhido o que teve mais votos – o Forte de São Francisco Xavier ou Castelo do Queijo.

Para iniciar a construção do forte as crianças decidiram dividir-se em equipas, com o objetivo de cada uma delas se encarregar da construção de uma parte. Para fazer a divisão, desenharam numa folha os vários elementos a construir (ver Figura 8) e a criança que quisesse fazer parte da equipa responsável pela construção daquele elemento escrevia o seu nome ao lado.



FIGURA 8 – Planeamento da construção do Forte

Constituídas as equipas, nesse dia e no seguinte, as crianças construíram a maquete do forte com recurso aos materiais disponibilizados para isso – barro, tintas, rolas e pincéis.



Na finalização do projeto, as crianças deram a sua opinião sobre o que gostaram de aprender e durante esta conversa voltaram a mencionar os postos de vigia e a vala em volta do castelo (ver figura 9) que também colocaram no forte realizado por eles.



FIGURA 9 – Forte construído pelas crianças, onde são visíveis diversos pormenores observados no local

Ao contrário do que aconteceu com o primeiro projeto, a planificação do projeto “À descoberta dos fortes”, não foi cumprida dentro do tempo inicialmente previsto, tendo demorado um pouco mais – em vez dos dez dias previstos, desenvolveu-se ao longo de um mês. A principal razão para esse facto, foi a dependência da disponibilidade do autocarro para a realização das duas visitas.



PARTE III – Análise e interpretação dos dados recolhidos

As atividades desenvolvidas em cada um dos projetos – “O tempo de outras brincadeiras” e “À descoberta dos fortes” – foram planeadas de forma a se atingir os objetivos a atingir, envolvendo várias Áreas de Conteúdo das OCEPE, tendo sempre em conta os interesses do grupo, para que assim as crianças tivessem uma mais alargada oportunidade de aprendizagem.

Durante a implementação dos diferentes projetos o grupo envolveu-se de forma livre e espontânea, demonstrando sempre grande interesse nas atividades realizadas.

No âmbito do projeto “O tempo de outras brincadeiras”, após terem tido oportunidade de aprender e jogar as brincadeiras e jogos que os seus avós jogavam, as crianças reconheceram, com recurso a um friso cronológico que construíram, a sucessão no tempo das diferentes infâncias. Assim, colocaram o tempo da infância dos avós num passado mais recuado, seguindo-se o tempo da infância dos pais e, finalmente, o tempo da delas próprios, no presente.

Na primeira fase do primeiro projeto, foi evidente que as crianças perceberam que havia grandes diferenças entre as formas de brincar dos seus avós quando crianças e as suas, mostrando curiosidade em saber como eram as brincadeiras e os jogos de então. Já depois do projeto concluído, no recreio as crianças continuaram a jogar os jogos da infância dos avós, evidenciando de forma clara o interesse que a sua aprendizagem lhes suscitou.

Ao trazer os avós à sala do jardim de infância, este projeto contribuiu para criar uma ligação maior entre a criança, escola e comunidade, potenciando a cooperação entre o trabalho da escola e a comunidade para benefício da criança, pois “ Quando as famílias participam na vida das escolas, quando os pais acompanham e ajudam o trabalho dos filhos, estes têm melhores resultados do que os colegas com idêntico background mas cujos pais se mantêm afastados da escola” (Marques, 1997, p.6).

Entre os resultados obtidos com a implementação deste projeto, registo ainda a imaginação, a criatividade e o sentido estético das crianças na construção dos convites aos avós e às crianças de outra sala. Utilizando os materiais que lhes disponibilizei –



cartão, canetas de filtro, lápis de cor, tintas e pincéis – cada uma das crianças teve a oportunidade de construir o seu convite para os avós e contribuir para o que o grupo entregou às crianças de outra sala.

Posteriormente, no convívio organizado pelas crianças, o grupo mostrou sentido de responsabilidade pela brincadeira que cada um escolheu. Assim, o grupo demonstrou autonomia sendo que, segundo Ministério da Educação (2016):

Passa igualmente pela decisão coletiva sobre as tarefas necessárias ao bom funcionamento do grupo e a sua distribuição equitativa. Esta participação da vida do grupo permite às crianças tomarem iniciativas e assumirem responsabilidades, de modo a promover valores democráticos, tais como a participação a justiça e a cooperação. (p. 36)

Com a realização deste projeto, as aprendizagens referidas nas OCEPE e que considerei na planificação como aprendizagens a promover junto das crianças foram adquiridas, conforme pude observar.

No projeto “À descoberta dos dois fortes”, o grupo esteve concentrado e mostrou muita curiosidade na história dos edifícios visitados. Prestaram atenção a pequenos pormenores que iam observando e fizeram muitas questões para tentar entender o porquê das coisas. A seguir às visitas, durante a conversa, percebi, pelo que as crianças iam dizendo, que a ida aos locais e a exploração dos espaços, lhes permitiu a aquisição de diversos conhecimentos. Entre eles sublinho o da compreensão da posição estratégica dos fortes para defenderem a cidade – junto ao mar, para defender dos ataques dos inimigos que viessem de navios – , o facto de os canhões terem rodas para que estes pudessem ser movidos para os locais onde fosse mais conveniente, e ainda o da importância destes fortes serem preservados porque são edifícios que foram construídos naquele local há muito tempo e para que outras crianças os possam visitar e, tal como eles, tenham a possibilidade de conhecer a sua história.

A construção da maquete do forte escolhido permitiu perceber, de uma forma clara, o que mais chamou a atenção das crianças durante a visita, não se esquecendo de colocar os postos de vigia e a vala em volta do castelo, procurando recriar com exatidão o que tinham observado. Durante todo o processo da construção do forte, o grupo revelou espírito de equipa e de organização, trocando ideias e negociando as opções tomadas.



Este projeto suscitou interesse nas crianças principalmente por perceberem que afinal o castelo não era para princesas, mas que, há muito, muito tempo, foi utilizado pelos cavaleiros para defender a cidade do Porto dos piratas ou inimigos que a atacavam. A aquisição deste conhecimento, foi notório quando as crianças, durante as visitas, e depois de eu lhes ter contado a história de cada forte, “imaginaram-se soldados a lançar canhões, fizeram de conta que viam piratas a chegar pelos postos de vigia, dirigindo-se até aos canhões para ajudar a combater os piratas” (Anexo 2 – 2ª Fase).

Na conversa final com o grupo, quando perguntei a uma das meninas do grupo sobre qual era a opinião dela sobre a importância de se manter um edifício tão antigo, respondeu-me que o que achou “mais importante foi saber que precisa de manter estes monumentos bem guardados para assim outros meninos poderem ver e aprender o que ela aprendeu” (Anexo 2 – 3ª Fase). O grupo logo manifestou a sua concordância. Fiquei, assim, com a certeza de que com a realização do projeto o grupo teve a oportunidade de visitar e explorar dois monumentos que até então apenas conheciam por se situarem na proximidade da sua casa e/ou escola e entender a necessidade de se valorizar o património construído e de o preservar para que as gerações futuras o possam visitar e compreender. Contudo, comparativamente ao projeto “O tempo de outras brincadeiras”, em que todas as crianças mostraram ter percebido a sucessão no tempo das infâncias dos avós, pais e as deles próprios, tendo representado isso mesmo com facilidade no friso cronológico, e ter percebido que da infância dos avós para a deles as brincadeiras/jogos mudaram, os objetivos “À descoberta dos dois fortes”, não foram atingidos de igual forma com todas as crianças, tendo sido mais conseguidos com umas crianças e menos com outras.



Considerações finais

A realização dos dois projetos construído no âmbito do estágio que realizei numa sala de Pré-Escolar permitiu perceber a importância da Educação Histórica e da Educação Patrimonial com crianças com idades precoces.

Estes projetos foram desenvolvidos no âmbito do conhecimento do mundo social, que, segundo as OCEPE, deve permitir que as crianças tomem consciência da sua identidade, conheçam e respeitem as diferenças culturais e estabeleçam as relações entre o passado e o presente da sua família e comunidade. Objetivos que foram claramente atingidos com a execução dos projetos.

O projeto dos jogos tradicionais permitiu, ainda, uma maior interação com as famílias das crianças, principalmente os avós, promovendo a relação Escola-Família e o diálogo intergeracional. As crianças, com idades compreendidas entre os 3 e os 4 anos, demonstraram compreender a passagem do tempo, perceberam que os avós e os pais também já foram crianças e mostraram interesse em pequenas histórias que aqueles lhes contaram envolvendo a própria família e a comunidade, colocando questões.

Por sua vez, o projeto sobre a descoberta dos fortes, permitiu às crianças entrar em dois monumentos localizados na sua área de residência/escola, que conheciam apenas do exterior. Fazer a exploração destes espaços, conhecer a sua história e, já na sala, construir com diferentes materiais a respetiva maquete, entusiasmou as crianças, dando-lhes a oportunidade de desenvolver uma atitude de pertença e de respeito pelo Património e História Local.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Baptista, C. S., & Sousa, M. J. (2011). *Como fazer investigações, dissertações, teses e relatórios*. Lisboa: Pactor.

Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Cooper, H. (2006). Aprendendo e ensinando sobre o passado a crianças de três a oito anos. *Educar em Revista* (Edição Especial) (pp. 171-190). Curitiba: Universidade Federal do Paraná.

Dewey, J. (2002). *A escola e a sociedade A crianças e o currículo*. Lisboa: Relógio D' água;

Ferreira, C (1992). *Valorizar e desenvolver as áreas de património classificado*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitetónico e Arqueológico.

Lemos, A. (2017). Um olhar sobre as OCEPE: refletir o presente e perspetivar o futuro. *Cadernos de Educação de Infância* (110), pp. 5-10. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/22352/1/Um%20olhar%20sobre%20as%20OCEPE%20-%20pp.%205-10.pdf>

Marques, G. (2016). *Experiências de Cognição Histórica na Primeira Infância: Balanços e Prospectivas*. “Educação Histórica: Perspetivas De Investigação Nacional E Internacional”. CITCEM: Centro de Investigação Transdisciplinar.

Marques, G. (2014). Sinais de consciência patrimonial em crianças de idade pré-escolar no concelho de Viana do Castelo. In G. Solé (Org.), *I Seminário Educação Patrimonial: Novos Desafios Pedagógicos* (pp. 193-212). Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/55631581.pdf>

Marques, G (2011). A importância do conhecimento histórico na construção identitária e social das primeiras idades. In *II Encontro de Sociologia da Educação – “Educação, Territórios e (Des)Igualdades”* (pp. 184-198). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.



Marques, R. (1997). *A Escola e os Pais: Como Colaborar?* Lisboa: Texto Editora.

Marques, R. (2000). *Dicionário Breve de Pedagogia* Lisboa: Editorial Presença.

Solé, G. (2017). Educação Histórica e Educação Patrimonial: desafios da investigação em Portugal. In Pedro Miralles Martínez, Cosme J. Gómez Carrasco & Raimundo A. Rodríguez Pérez (Eds.). *La Enseñanza de la Historia en el Siglo XXI Desarrollo y evaluación de competencias históricas para una ciudadanía democrática* (pp 15-166). Murcia: Universidade de Murcia. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/47922>

Teixeira, R. (2016). *Promoção da Interdisciplinaridade na Aprendizagem das Crianças da Educação pré-Escolar e do 1º Ciclo do Ensino Básico através do Uso de Materiais Didáticos* (Relatório de Estágio Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico). Universidade dos Açores, Ponte Delgada.

Katz, L. & Chard, S. (1997). *A Abordagem de Projeto na Educação de Infância* Lisboa: Textos de Educação.

Legislação e documentação normativa

Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar nº5/97 de 10 de fevereiro. *Diário da República* nº 34 – I Série A. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação (2016), *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação;



Anexos



Anexo 1 – Projeto “O tempo de outras brincadeiras”

Narrativa 1

Depois do intervalo as crianças vieram ter comigo a dizer que estiveram a jogar ao macaquinho chinês, jogo este que lhes ensinei anteriormente ao início do projeto.

Pedi-lhes para se sentarem numa roda, de forma a perceber o que tinham feito durante o intervalo. As respostas que obtive foram bastante diferentes como o monstro destruidor, as fadas, o futebol e o brincar às bruxas.

Depois questionei as crianças se achavam que as brincadeiras dos avós eram as mesmas que as deles. Sem hesitar, o grupo respondeu que eram diferentes, referindo o jogo da macaca, o xadrez, as damas, o futebol e os berlindes.

Após esta pequena conversa, sugeri convidarmos os avós para irem à nossa sala falar e ensinar as brincadeiras da sua infância. As crianças começaram a ficar empolgadas, disseram que falavam com os avós e que eles vinham. Uma criança disse que podiam fazer uma carta ou um convite. Todos gostaram da ideia, no entanto, começaram a perguntar quantos convites é que tinham que fazer, dado que o número de avós de cada criança variava (alguns tinham dois e outros já só tinham um). Por isso, sugeri que cada um escolhesse quantos convites queria fazer. Todo o grupo concordou.

Depois deste momento, as crianças começaram a dizer que alguns avós não iam conseguir ir por diversas razões – porque moravam longe, porque estavam sempre no hospital, porque eram muito velhinhos e quase não saiam de casa. Assim, expliquei que não havia problema e que iríamos aprender com os avós que pudessem ir à sala. As crianças concordaram, mas levantaram logo outra questão: e se eles já soubessem as brincadeiras que os avós iam ensinar? Disse-lhes que não havia problema, ouvíamos na mesma e depois brincávamos todos juntos.

Depois de todas as questões estarem esclarecidas, li ao grupo o convite, que tinha sido previamente preparado por mim, que iria ser enviado para os avós. Além disso, expliquei-lhes que os avós teriam que escolher o dia mais conveniente para eles – quarta, quinta ou sexta. Posteriormente, as datas seriam combinadas com a educadora de forma a que viessem em dias diferentes.



Perguntei às crianças se não achavam que os convites estavam muito brancos e se não era melhor decorá-los. O grupo concordou de imediato questionando se podiam colocar muitas cores e se podiam fazer como eles quisessem.

Após responderem de forma positiva às questões deles, perguntei se já tinham pensado que depois dos avós nos ensinarem tantas brincadeiras, nós íamos ficar a saber mais jogos que os outros meninos. A esta pergunta obtive uma resposta muito rápida: “É fácil! Nós ensinamos!”

Sugeri, então, realizarmos um convívio entre salas onde eles pudessem ensinar todas as brincadeiras que aprenderam. Gostaram muito da ideia. Após esta conversa o grupo foi buscar os materiais e dirigiu-se para a mesa de forma a iniciar o enfeite dos convites.

Narrativa 2

Durante este período de tempo, os avós, em dias diferentes, foram à escola e falaram com as crianças sobre o que faziam quando eram crianças e posteriormente fizeram as brincadeiras.

Ensinaram vários jogos tais como, o berlinde, as caricas, o jogo do anel, o jogo da estátua, o macaquinho chinês, o jogo das cadeiras, o bom barqueiro, o jogo da cebra-cega e muitos outros.

Em todos os encontros com os avós, as crianças mostraram-se sempre motivadas em participar e principalmente atentas quando lhes ensinavam as regras. Quando não percebiam bem voltavam a perguntar para ter a certeza.

O tempo de duração estava planeado para receber mais avós e contar com o período de pausa da semana académica. Apesar de nestas atividades, contarmos com a presença de apenas quatro avós, mantivemos o período estipulado para a duração das mesmas caso algum avô ou avó quisesse participar.



Narrativa 3

Nesta última fase do projeto, perguntei às crianças se tinham gostado de aprender os novos jogos. Todos responderam de uma forma entusiasmada que sim e que tinha sido muito divertido.

Disse às crianças que as brincadeiras deles e dos avós eram muito diferentes, porque, com o passar do tempo as brincadeiras iam mudando. De forma a perceberem melhor, expliquei-lhes que quando os avós eram pequenos tinham aquelas brincadeiras que lhes ensinaram quando foram à sala, mas também os pais tinham brincadeiras parecidas às dos avós e as deles eram diferentes do resto.

Após isto desenhei uma barra cronológica em grande grupo (ver figura 13), explicando que o primeiro retângulo dizia respeito ao tempo em que os avós eram crianças. Posto isto, perguntei o que achavam que ia estar no segundo retângulo e uma criança respondeu que era o retângulo dos pais quando eram crianças e de quando faziam as brincadeiras deles. Por fim, quando ia perguntar pelo terceiro retângulo algumas crianças responderam logo que era o deles.

Após a realização da barra cronológica, decidimos fazer o convite para a outra sala, ainda que apenas algumas crianças o realizaram. Depois de os terem feito, escolhemos em grande grupo qual o convite que seria entregue à outra sala (ver Figura 14). Depois da votação, mencionei que cada jogo teria que ter responsáveis para ensinarem às outras crianças como se jogava. De forma autónoma, o grupo começou a dizer em qual brincadeira queriam ser responsáveis. Então, fizemos pequenos grupos para cada brincadeira.

Como as tarefas de todas as crianças estavam bem definidas, dirigimo-nos à sala do lado e fizemos o convite. De seguida, todos juntos dirigimo-nos ao ginásio para realizarmos os diferentes jogos.

Criámos espaços para cada jogo e as crianças colocaram-se no espaço do jogo que eram responsáveis. As crianças da outra sala foram distribuídas pelos diferentes espaços (ver Figuras 15 e 16) e quando ouviam o adulto dizer “trocar” dirigiam-se para outro jogo para aprender. Assim, todos participaram em todos os jogos.



Durante o convívio, algumas crianças pediram para serem responsáveis por outro jogo, o que só era possível se o outro menino que tivesse no jogo que ele queria ir quisesse trocar. Entre eles conversavam e iam trocando de posto até ao final do convívio.

Anexo 2 – Projeto “À descoberta dos fortes”

Narrativa 1

Após a situação do pequeno debate entre as crianças sobre o Castelo do Queijo, conversamos todos em grande grupo sobre o que cada um achava que seriam os fortes e os castelos. As respostas mais frequentes foram “É a casa onde as princesas viviam com os príncipes”; “É a casa onde os cavaleiros moravam sem princesas” e “É a casa dos reis”.

Após ouvir a opinião de cada um expliquei que foram construídos há muito tempo e que são muito parecidos entre si: os castelos foram construídos para os reis e para as princesas morarem ; os fortes foram construídos para os soldados, para proteger a cidade e para impedir que os piratas que vinham nos barcos viessem roubar quando saíssem dos barcos (exemplo do Castelo do Queijo). Neste momento, a expressão facial de confusão que de algumas crianças fizeram foi bastante notória.

Uma das crianças questionou logo que se era Castelo era para as princesas e não para os soldados. Expliquei então a razão deste nome: originalmente chamava-se Forte S. Francisco Xavier e apenas ficou conhecido como Castelo do Queijo porque dizem que foi construído em cima de uma pedra com a forma de um queijo.

Perguntei se conheciam esse forte e todos responderam que sim. Questionei se conheciam mais algum perto da escola, mas nenhuma criança falou. Disse então que havia outro que se chamava Forte de S. João Batista da Foz que ficava também perto do mar para os soldados conseguirem vigiar.

Para finalizar a conversa perguntei se gostavam de ir visitar estes dois fortes para assim ficarmos a saber mais um bocadinho. O grupo todo concordou.



Narrativa 2

Esta fase iniciou-se pela visita ao Forte de S. João Batista da Foz onde as crianças viram os canhões, o fosso e os restos da antiga igreja que havia lá dentro (ver Figura 17). Perguntavam para que servia tudo ainda antes de termos tempo para explicar, o que mostrava grande curiosidade por parte deles. Falamos dos piratas e como os soldados conseguiam ver se eles vinham pois estavam muito perto do mar.

Depois, fomos visitar o Forte de S. Francisco Xavier onde voltamos a realçar pormenores já mencionados no primeiro forte. Durante a visita, as crianças imaginaram-se soldados a lançar os canhões (ver Figura 18), fizeram de conta que viam os piratas a chegar pelos postos de vigia, dirigindo-se até aos canhões para ajudar a combater os piratas.

Como íamos terminar a visita perguntei se tinham gostado e todos responderam que sim com grande entusiasmo. Algumas crianças disseram o que mais tinham gostado: saber que os canhões tinham rodas para poderem levá-los para outro sítio para atacarem os piratas que vinham de barco para roubar; e de saber que por causa do forte estar à beira do mar os soldados podiam ver tudo o que vinha pelo mar. No final regressamos à escola.

Narrativa 3

Para iniciar a construção do forte reuni as crianças em grande grupo e comecei por perguntar quais dos fortes gostariam de fazer. Começaram todos a falar ao mesmo tempo uns escolhendo um forte e outros o outro. Fizemos uma votação e quem obteve mais votos foi o Forte de S. Francisco Xavier.

Para construir o forte uma das crianças desenhou no papel quais as partes do forte que tinham de ser construídas (ver Figura 19), partes essas que o resto do grupo



ia dizendo quais eram. Após o desenho estar feito cada criança colocou o seu nome em frente para poder identificar a construção que queria fazer.

Depois destas tarefas estarem divididas antes de distribuir o barro pelas crianças, dividi-as em diferentes grupos conforme a parte do forte que estas iam construir depois distribuí o barro. A realização do forte (ver Figuras 20 e 21) demorou um pouco mais do que o previsto sendo que planei para três dias e demorou mais dois.

Quando finalizamos o forte, voltamos a reunir em grande grupo e questionei as crianças que achavam do nosso forte. Todas mostraram a admiração pelo seu trabalho, realçando vários dos pormenores como, por exemplo, a ponte levadiça e os postos de vigia. Mencionaram também que a única coisa que faltava era os canhões, mas como as paredes estavam altas não dava para fazer como estava no forte real.

Questionei cada criança sobre o que de mais importante aprenderam e obtive várias respostas interessantes como saberem que afinal os piratas existiram, para que servia os fortes e uma das meninas respondeu que o mais importante foi saber que precisa de manter estes monumentos bem guardados para assim outros meninos poderem ver e aprender o que ela aprendeu. Questionei o grupo se concordava e todos disseram que sim finalizando assim o projeto.